

JORNAL DOS CEGOS

REVISTA DE TYPHLOLOGIA

Director—BRANCO RODRIGUES

REDACÇÃO Livraria J. A. Pacheco Rocio—Lisboa	REDACTOR ALVARO COELHO	PREÇO DO VOLUME Um anno—12 numeros 500 réis
---	----------------------------------	--

O ENSINO DOS CEGOS EM PORTUGAL E NO ESTRANGEIRO—1900

Quando os nossos leitores receberem este numero, com que o *Jornal dos Cegos* completa o quinto anno de existencia, terá findado tambem a sua vida o seculo XIX, para os povos que acceitaram o calendario gregoriano. O seculo que foi cognominado das luzes termina sem legar aos cegos portuguezes um Instituto analogo aos que possuem os seus irmãos de desdita do estrangeiro, instituto em que elles possam illuminar o seu espirito, já que as trevas em que vivem mergulhados lhes impedem toda a sensação de luz physica.

Se exceptuarmos os esforços particulares de alguns amigos desses infelizes, esforços que em breve se veem aniquilados pela ignorancia, pela rotina, pela indifferença e pela inveja, que, triste é confessa-lo, parecem fazer parte integrante do caracter nacional, os cegos portuguezes estão quasi na situação para elles creada em França em 1260 por S. Luiz. Teem apenas asylos.

E esses esforços a que nos referimos traduzem-se apenas em duas instituições que ministram o ensino aos cegos: o Asylo de Nossa Senhora da Esperança, de Castello de Vide, e o Asylo-escola Antonio Feliciano de Castilho, de Lisboa.

Ambas estas instituições estão longe, muito longe, de poderem rivalisar com as escolas do estrangeiro: em nenhuma dellas o cego póde receber

ensino profissional que o habilite a ganhar a sua vida. Ambas ellas teem no seu titulo a palavra *Asylo*, que devia ser banida: uma escola não pôde ser um asylo.

Em Castello de Vide uma direcção intelligente de que fazia parte o sr. Antonio José Repenicado, em 16 de dezembro de 1895, instituiu alli as officinas Branco Rodrigues, cujos resultados foram os mais lisonjeiros possível. Decorridos quatro annos, durante os quaes as officinas tiveram um rendimento de cêrca de 2:500\$000 reis, uma nova direcção, rival da anterior, toma conta do asylo e procura destruir tudo quanto a sua antecessora havia feito. E as officinas são supprimidas quasi por completo, sob o pretexto de que os cegos num asylo não devem trabalhar!

O Asylo-escola Antonio Feliciano de Castilho debate-se durante nove annos (1891-1900) numa lucta constante pela existencia, que a crise financeira veio agravar em Portugal, para todas as instituições de beneficencia. A actual direcção porém, com auxilio de um dos nossos maiores capitalistas, o sr. Domingos José de Moraes, iniciou alli o fabrico de escovas.

Ignoramos o que essa industria poderá dar ao cego em Portugal, pois que ha carencia absoluta de dados relativos ao estado das nossas industrias; apesar dos inqueritos e censos realisados, a nossa Direcção de Estatistica é a primeira a não confiar nos algarismos publicados; comtudo, naturalmente, a situação da industria das escovas não escapará entre nós por certo á influencia mechanica que no estrangeiro já a fazia considerar em 1886¹ como pouco remunerativa para o cego e que elle não podia exercer em sua casa, carecendo, por isso, de officinas especiaes. A questão tem sido discutida recentemente na revista de typhlogia allemã *Der Blindenfreund*² por homens competentissimos que nos dão informações completas acêrca do estado dessa industria, que era largamente exercida nos institutos allemães, e que ainda hoje alli tem defensores, que propõem até o emprego dos modernos processos industriaes adaptados aos cegos³.

¹ Armitage—*The education and employment of the Blind*. Second edition, Londres 1886, p. 61.

² *Der Blindenfreund*, Jahrgang xx, 1900, n.ºs 5, 7, 9 e 11.

³ Vermeil, de Dresde, propõe o emprego de machinas utensilios movidas por dynamos nas cidades onde houver distribuição de energia-electrica.

O Inspector Lembke, de Neukloster no Mecklemburgo, ministra-nos os seguintes dados:

No anno de 1894-95, 100 marcos de material produzem 158 marcos de escovas, em 1895-96, 100 marcos produzem 138 marcos; em 1896-97, 100 marcos produzem 138 marcos; em 1897-98, 100 marcos produzem 140 marcos e em 1898-99, 100 marcos produzem apenas, no trabalho dos alumnos do asylo, 132 marcos de escovas.

Num periodo de cinco annos observa-se uma descida constante no valor do producto. No mesmo Instituto, no anno de 1898-99, na cestaria, 100 marcos de material produzem 308 marcos; na cordoaria, 100 marcos produzem 170 marcos; no fabrico de capachos, 100 marcos produzem 350 marcos.

Examinando estes dados, vê-se que a industria escolhida para a Escola Castilho não foi talvez feliz; não cabem por isso censuras á direcção, mas poderíamos até dizer ser extremamente louvavel a sua tentativa: a industria da escova é uma industria facil para o cego e se em Portugal ella der melhores resultados do que no Mecklemburgo, será excellente, organisando-se uma pequena officina patrocinada pela Escola ou por outra corporação.

E ainda quando os seus resultados financeiros fossem nulos, representaria um pouco de trabalho manual de que o cego tanto carece. Entre nós confunde-se a cada passo trabalho manual educativo com ensino profissional e esta lamentavel confusão dá-se tanto no dominio da pedagogia normal como no da typhlo-pedagogia.

Do trabalho manual educativo carece indispensavelmente todo o cego; dar-lhe-ha elle a habilidade manual que lhe falta por completo e torná-lo-ha capaz de aprender rapidamente qualquer profissão manual.

A officina de escovas poderá dar, na falta de outra melhor, os rudimentos dessa educação manual.

Não desanime a direcção da Escola Castilho, se os resultados da sua tentativa forem infelizes. É necessario fazer em Portugal innumeradas experiencias dirigidas pelo que já se fez no estrangeiro, mas esperando sempre encontrar no caminho muitos attritos e muitas decepções.

É preciso comtudo não esquecer que se deve tambem dar ao cego um ensino que lhe permitta viver, e não dar-lhe sómente uma educação litteraria, que, se no estrangeiro para pouco serve, entre nós não lhe ser-

virá senão para o tornar mais infeliz, quando o lançarem na lucta pela vida. Um cego ignorante não hesitará em pedir esmola; o instruído só o fará maldizendo os que lhe ministraram a instrucção e não lhe deram os meios de a aproveitar.

Repetimos — o cego português está na situação em que se achou durante seculos o cego francês, desde 1260: tem alguns asylos onde pôde ser albergado, passando uma vida mais ou menos dolorosa para elle, que considera o asylo como uma prisão. No resto da Europa a situação do cego é bem diversa e países ha em que elle é um cidadão tão util como o vidente.

Em 1800, quatorze annos depois de Valentin Haüy ter apresentado a Luiz XVI os seus primeiros discipulos cegos, havia para estes já 4 escolas, 2 na França e 2 na Inglaterra.

Um seculo depois, em 1900, existiam 457 assim repartidas¹:

Europa:		Africa—Egypto.....	1
Allemanha.....	82	Asia:	
Austro-Hungria.....	28	China.....	3
Belgica.....	8	Japão.....	3
Dinamarca.....	4	Russia asiatica.....	2
França.....	28	Turquia asiatica.....	1
Gran-Bretanha.....	117		9
Hespanha.....	16	America:	
Hollanda.....	12	Brasil.....	1
Italia.....	24	Canadá.....	4
Noruega.....	4	Estados Unidos da America	
Suecia.....	8	do Norte.....	47
Suissa.....	11	Mexico.....	1
Russia.....	42		53
Turquia europeia.....	2	Australia.....	8
	386		
		Total.....	457

Não podemos dizer que não figuramos neste quadro com um numero consideravel de escolas para os nossos cegos por elles serem em pequeno numero e bastarem-lhes as duas modestas instituições indicadas no começo deste artigo.

¹ A. Mell. *Handbuch des Blindenwesens*. Wien 1900.

Bem longe disso; no nosso país o numero de cegos é enorme e para podermos nalguma cousa ser os primeiros no dominio da typhlologia, somos o povo da Europa que tem a maior percentagem de cegos (200 por 100:000 habitantes): só a Russia parece approximar-se de nós.

Não foram ainda publicados os dados do ultimo censo (1.º de dezembro de 1890) relativos aos cegos. A ultima estatistica publicada é a do censo de 1.º de janeiro de 1878. Essa estatistica accusa numa população de 4.550:699 almas (4.160:315 no Continente e 390:384 nas Ilhas adjacentes) um total de 9:113 cegos (1:381 cegos de nascença e 8:732 cegos não de nascença). Repartem-se esses cegos segundo os sexos do modo seguinte:

	Cegos de nascença		Cegos não de nascença		Total
	Sexo masculino	Sexo feminino	Sexo masculino	Sexo feminino	
Continente.....	680	609	3:618	3:706	8:613
Ilhas adjacentes.....	52	40	220	188	500
Totaes	732	649	3:838	3:894	9:113

É de suppor que as causas da cegueira não tenham diminuido infelizmente, de 1878 até hoje; as nossas clinicas opthalmologicas são de criação recente e os seus effeitos não podem ainda tornar-se sensiveis; o atrazo intellectual do nosso povo é quasi o mesmo que em 1878, e sabe-se que parte importante desempenha a ignorancia como causa de cegueira, que o digam os nossos opthalmologistas a quem todos os dias visitam dezenas de doentes, aos quaes elles teriam salvo a vista, se não tivessem submettido antes de recorrer a elles, ás praticas do mais grosseiro empirismo o delicado orgão da visão.

Dadas estas circumstancias, não haverá erro em considerar verdadeiras ainda as proporções de 1878 que dão:

Continente 1 cego por cada 483 habitantes
 Ilhas adjacentes 1 » 780 »
 População total 1 » 499 »

Applicando estas proporções á população de facto accusada no censo de 1890: 5.049:729 almas (4.660:095 no Continente e 389:634 nas Ilhas adjacentes) encontramos os seguintes numeros:

Continente	9:648	cegos
Ilhas adjacentes	499	»
Total	<u>10:147</u>	»

Não haverá exaggero em affirmar que o censo realisado este anno (1.º de dezembro de 1900) deverá accusar uma totalidade de cerca de 10:500 cegos no nosso país.

Não se admite aqui, como em tantos outros casos, a desculpa para os nossos erros de que somos um país pequeno e pobre: a nossa população é pouco superior á da Hollanda¹ mas o numero de cegos naquelle país é muito inferior ao nosso, apenas 2:114 cegos em 1899² (45 cegos por 100:000 habitantes), e a Hollanda possui 12 escolas algumas magnificas, monumentaes até, como a de Amsterdam.

O pequeno reino da Saxonia³, que caminha na vanguarda dos países que cuidam como devem da educação dos seus filhos, não se contentou com estabelecer 8 escolas para os seus 2:063 cegos: foi muito mais longe, decretou para elles a instrucção obrigatoria.

E pensando que a instrucção e o saber não bastam para poder assegurar ao cego a sua independencia, organisou para elles o patronato mais perfeito que existe no mundo, sob a direcção do chefe do Instituto de Dresde.

Para dar um exemplo de como nalguns países se entende o modo por que deve ser renumerado o ensino dos cegos, apresentaremos aos nossos leitores o resumo da receita e despesa da bella Instituição de Boston, a que já aqui nos referimos⁴, e que sem duvida é a mais rica do mundo.

¹ A Hollanda tinha, em 1889, 4.511:415 habitantes e Portugal, em 1890, 5.049:729 habitantes.

² *Hollande—Aveugles* par M. H. J. Lenderink. In *Revue internationale de Pédagogie Comparative*. I. année 1899, n.º 4. Juin.

³ A Saxonia, um dos estados do Imperio allemão, tem uma superficie de 14:993¹/₂, isto é, um pouco mais do que a nossa provincia de Trás-os-Montes e menos do que a da Extremadura, e conta 3.182:000 habitantes.

⁴ *Jornal dos Cegos*, IV anno, n.ºs 41 e 42.

Eis esse resumo, extrahido do ultimo relatorio que possuimos, o referente ao anno economico de setembro de 1898 a agosto de 1899, convertendo dollars a reis ao cambio de 1\$000 reis, o que representa hoje uma cotação ainda muito baixa.

Receita		Despesa	
Saldo do anno anterior.....	47:775\$750	Despesas de thesouraria....	1:469\$690
Juros dos capitaes collocados.....	50:287\$910	Manutenção do instituto....	67:972\$300
Recebido do Estado, de legados e donativos.....	92:015\$690	Reparações, seguro, rendas de casas.....	8:860\$240
Venda e troca de titulos ...	38:059\$710	Despesa da officina de afinador.....	1:318\$710
Venda de livros.....	532\$150	Despesas das officinas manuaes.....	1:490\$880
Donativos, legados e subsídios especiaes do Jardim de infancia.....	68:358\$950	Liquidação de titulos, etc...	2:189\$220
		Despesa especial do Jardim de infancia, manutenção, casa, mobiliario, etc.....	21:307\$050
		Imprensa.....	5:210\$990
		Acquisição de titulos.....	150:928\$800
		Amortisação de emprestimos	15:000\$000
		Em caixa em 31 d'agosto de 1899.....	21:282\$280
Total—reis.....	297:030\$160	Total—reis.....	297:030\$160

Esta bella somma de 297:000\$000 reis, recebida num anno, muito maior do que aquella que o governo portuguez dispende com a instrucção primaria (218:755\$777 reis em 1899-1900¹) ou com toda a instrucção secundaria (203:613\$970 reis em 1899-1900) é destinada a dar educação a 225 alumnos cegos.

Dir-se-ha, e concordamos, que ha talvez luxo escusado neste Instituto, que d'essa somma gastou no mesmo anno 124:819\$080 reis; mas cremos que esta grande liberalidade contrasta muito singularmente com a nossa mesquinhez para com os pobres cegos e até para com o ensino dos videntes.

Nos Estados-Unidos da America do Norte, como na Europa, com excepção de Portugal e Hispanha, o cego tem escolas onde recebe ensino intel-

¹ Á qual, em verdade, ha a juntar as verbas com que contribuem as corporações municipaes.

lectual, feito pelos mais aperfeiçoados methodos, e ensino profissional, que lhe permite viver quando sair do estabelecimento, onde foi educado.

Um patronato recebe-o ao sair da escola, procura-lhe collocação, ministra-lhe os materiaes e ferramentas de que elle carece, materiaes e ferramentas cujo custo elle irá amortizando, sabendo que as quantias pagas por elle irão favorecer outros que de futuro se achem nas condições em que elle se achou.

Casas baratas são postas á sua disposição e elle adquirirá para ellas um mobiliario confortavel e economico, receberá alimentação sã e abundante a troco de uma pequena despesa.

Para não esquecer o que aprendeu tem á sua disposição jornaes especiaes e os livros de numerosas bibliothecas circulantes.

E quando a velhice o impossibilitar de trabalhar, e a profissão a que se dedicou não lhe tiver alcançado os capitaes que assegurem o seu repouso, abrir-se-lhe-hão então as portas de um asylo ondê findará os seus dias.

Em Portugal tem apenas como perspectiva bem pouco aggradavel, confessemos-lo, o sentir, quando creança, abrirem-se-lhe as portas de uma prisão, designada euphemisticamente com o nome de asylo, donde só sairá para o cemiterio e onde sentirá durante toda a vida o peso da sua desditá considerando-se um ente absolutamente inutil para a sociedade.

Esperemos, porque como dizia o grande Schiller:

«Es reden und träumen die Menschen viel.

Von bessern künstigen Tagen.

Nach einem glucklichen golden Ziel.

Sieht man sie rennen und jagen¹».

esperemos que ao começar o seculo xx Portugal lave a mancha que o envergonha em face da Europa e que os cegos da geração actual possam ainda illuminar o seu espirito que o seculo das luzes deixou escurecido.

É esse o *fim dourado*, pelo qual o *Jornal dos Cegos* vem luctando ha cinco annos, durante os quaes elle recebeu innumeradas e inequivocas provas de adhesão do nosso publico e dos nossos homens de estado, provas que lhe fazem conceber a esperança de que o attingirá antes de cair extenuado na liça, onde combate defendendo os cegos.

ALVARO COELHO.

¹ Os homens fallam e sonham frequentes vezes com melhores dias futuros; e vêem-se sempre correr e extenuar-se para attingir um fim venturoso e dourado.

INDICE DO 5.º VOLUME DO JORNAL DOS CEGOS — 1900

Dr. Paulo Marcellino	405	O Duque de Palmella e os cegos	442
Protecção aos cegos	406	D. João VI e o ensino dos cegos, por	
O avô de Branco Rodrigues	409	Branco Rodrigues	456
Officinas Branco Rodrigues.	411, 443	Curso do <i>Jornal dos Cegos</i>	451, 458
Donativos aos cegos indigentes de Lis-		A Intendencia geral de Policia de 1824	
boa	412, 428	e o ensino dos cegos, por Branco Ro-	
Instituto de cegos do Porto.	413, 444	drigues	466
A Imprensa e o <i>Jornal dos Cegos</i> 420,		Bibliographia, por Alvaro Coelho 459,	
428	443	467, 476, 481	490
Asylo de cegos de S. Manuel.	421	Publicações recebidas.	483, 491
J. Moldenhaver, por Alvaro Coelho ...	424	Noticiario.	484, 492
Projecto de lei a favor do <i>Jornal dos</i>		Eduardo Meystre, um cego-surdo-mudo,	
<i>Cegos</i>	426	por Th. Secretan	469
Congresso internacional para o melho-		Situation des anormaux en Portugal,	
ramento da sorte dos cegos 429, 443, 477		Aveugles, par Branco Rodrigues 480, 488	
A educação dos cegos e as medidas po-		O ensino elementar de sciencias naturaes	
liciaes, por Branco Rodrigues.	434	aos cegos. I—Zoologia, por Alvaro	
Museu typhlogico para o ensino dos		Coelho.	485
cegos	436	O ensino dos cegos em Portugal e no	
Instituto de surdos-mudos e cegos, por		estrangeiro, por Alvaro Coelho	493
José Silvestre Ribeiro 437, 445, 453, 461		Curso do <i>Jornal dos Cegos</i> , etc.	492

